

CATECUMENATO
TEMPO DE APROFUNDAMENTO

PESSOA HUMANA
ADULTOS

PRIMEIRO ENCONTRO

QUEM SOU EU?

PESSOA HUMANA, IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS

TEMPO: Aproximadamente 1h30min.

OBJETIVO: Ajudar os catecúmenos e catequizandos a descobrirem o significado de serem imagem e semelhança de Deus, portanto, pessoa. Cada pessoa é única e irrepetível, possuindo uma condição existencial superior a todos as outras criaturas, pois é o reflexo do seu Criador: dotada de inteligência, vontade e liberdade.

CENÁRIO: Cruz, vela, ambão para a Sagrada Escritura e dispor as cadeiras em círculo.

ACOLHIDA

CANTO

É IMPOSSÍVEL NÃO CRER EM TI
(Caris Mendes)

Olho em tudo e sempre encontro a Ti
Estás no céu na terra
Onde for
Em tudo que me acontece encontro teu amor já não
Se pode mais deixar de crer no teu amor

É impossível não crer em ti
É impossível não te encontrar
É impossível não fazer de ti meu ideal

O catequista acolhe cada um dos catecúmenos e catequizandos e, juntos, recordam o tema do encontro anterior (a Leitura Orante), assim como, o gesto concreto que foi proposto para ser colocado em prática durante a semana.

ORAÇÃO INICIAL

Sinal da cruz e oração ao Espírito Santo.

LEITURA ORANTE: Sl 139(138), 1-4.13-14 (*Senhor, tu me sondas e me conheces*)

A partir deste encontro o momento da Oração Inicial será de um breve tempo dedicado a Leitura Orante do texto indicado. Esta será a ocasião para se incentivar e experimentar a oração com a Palavra.

ORAÇÃO:

O catequista e os catecúmenos/catequizandos podem concluir o momento de Oração com a Palavra com preces espontâneas.

APRESENTAÇÃO DO TEMA

1. TEXTOS BÍBLICOS: Gn 1,26-31; Sl 139(138).

O catequista anuncia que o ser humano é pessoa, ou seja, foi criado à imagem e semelhança de Deus: ele é a única criatura que Deus quis por si mesma[1]*. Dotado de inteligência, vontade e liberdade, o homem é superior a todas as outras criaturas, possuindo um lugar privilegiado na ordem da Criação, isto significa que tudo quanto existe está ordenado em função do homem. Portanto, cada pessoa humana carrega consigo a semelhança com o seu Criador, que a torna única, irrepetível e portadora de uma dignidade altíssima.*

2. APRENDENDO COM A IGREJA

Para o desenvolvimento deste momento do encontro, o catequista terá como referência as seguintes indicações:

*** CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA GAUDIUM ET SPES, nn. 12-17.19.22 (ANEXO)**

PARTILHA

1. DINÂMICA:

O catequista pedirá aos catecúmenos e catequizandos para que tomem papel e caneta. O objetivo desta dinâmica é ajudar os catecúmenos e catequizandos a avaliarem suas vidas, destacando os fatos bons, preferencialmente, assim como as situações difíceis. Desta forma, possam perceber, nas diferentes situações, a presença de Deus em suas vidas.

Descrição:

- *O catequista pode motivar o exercício da seguinte maneira: "Diariamente, todos nós recebemos notícias, boas ou más. Algumas delas foram motivo de grande alegria e por isso as guardamos com perfeita nitidez. Vamos hoje recordar algumas dessas notícias".*

[1] Gaudium et Spes 24c.

- *Logo após, explica como fazer o exercício: os participantes dispõem de 10 minutos para anotar na folha as duas notícias mais felizes de sua vida e as duas mais difíceis.*

2. DIÁLOGO:

A partir da dinâmica, as pessoas compartilham suas notícias, a começar pelo catequista, seguido pelo vizinho da direita e, assim, sucessivamente, até que todos o façam.

GESTO CONCRETO

Convidar os catecúmenos e catequizandos a revisitarem suas histórias de vida ao longo da semana. Incentivá-los a reverem ou procurem as fotos da família, fotos da infância, juventude e de momentos marcantes que cada um pôde viver. Assim, pedir que cada um escolha uma fotografia de um momento significativo e possam trazê-la para uma partilha no próximo encontro.

ORAÇÃO FINAL

De pé, em círculo, de mãos dadas, peça que os catequizandos e catecúmenos falem um versículo da Bíblia que gostam ou que aprenderam hoje. A seguir, rezar juntos a oração:

Meu Senhor, eu creio, sei e sinto que Vós sois o Bem Supremo. Eu acredito que, por mais bela que seja a Vossa criação, não é de nenhuma importância, comparada a Vós. E, portanto, já que eu percebo Vossa santa beleza, eu vos amo e desejo vos amar mais e mais. Meu Deus, vós sabeis o quão pouco eu vos amo. Eu não vos amaria, exceto por Vossa graça. Mantende todo o meu ser fixo em Vós. Não deixais que eu me perca de Vós, e que meu amor por Vós cresça mais e mais a cada dia. Amém.

(São John Henry Newman)

Pai-nosso... Ave-Maria... Glória ao Pai...

ANEXO

Constituição apostólica Gaudium et Spes,
nn.12-17.19.22

A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA

O homem criado à imagem de Deus

Tudo quanto existe sobre a terra deve ser ordenado em função do homem, como seu centro e seu termo: neste ponto existe um acordo quase geral entre crentes e não-crentes.

Mas, que é o homem? Ele próprio já formulou, e continua a formular, acerca de si mesmo, inúmeras opiniões, diferentes entre si e até contraditórias. Segundo estas, muitas vezes se exalta até se constituir norma absoluta, outras se abate até ao desespero. Daí as suas dúvidas e angústias. A Igreja sente profundamente estas dificuldades e, instruída pela revelação de Deus, pode dar-lhes uma resposta que defina a verdadeira condição do homem, explique as suas fraquezas, ao mesmo tempo que permita conhecer com exatidão a sua dignidade e vocação.

A Sagrada Escritura ensina que o homem foi criado "à imagem de Deus", capaz de conhecer e amar o seu Criador, e por este constituído senhor de todas as criaturas terrenas, para as dominar e delas se servir, dando glória a Deus. "Que é, pois, o homem, para que dele te lembres? ou o filho do homem, para que te preocupes com ele? Fizeste dele pouco menos que um anjo, coroando-o de glória e de esplendor. Estabeleceste-o sobre a obra de tuas mãos, tudo puseste sob os seus pés" (Sl 8, 5-7).

Deus, porém, não criou o homem sozinho: desde o princípio criou-os "varão e mulher" (Gn 1,27); e a sua união constitui a primeira forma de comunhão entre pessoas. Pois o homem, por sua própria natureza, é um ser social, que não pode viver nem desenvolver as suas qualidades sem entrar em relação com os outros.

Como também lemos na Sagrada Escritura, Deus viu "todas as coisas que fizera, e eram excelentes" (Gn 1,31).

O pecado e suas consequências

Estabelecido por Deus num estado de santidade, o homem, seduzido pelo maligno, logo no começo da sua história abusou da própria liberdade, levantando-se contra Deus e desejando alcançar o seu fim fora d'Ele. Tendo conhecido a Deus, não lhe prestou a glória a Ele devida, mas o seu coração insensato obscureceu-se e ele serviu à criatura, preferindo-a ao Criador. E isto que a revelação divina nos dá a conhecer, concorda com os dados da experiência. Quando o homem olha para dentro do próprio coração, descobre-se inclinado também para o mal, e imerso em muitos males, que não podem provir de seu Criador, que é bom. Muitas vezes, recusando reconhecer Deus como seu princípio, perturbou também a devida orientação para o fim último e, ao mesmo tempo, toda a sua ordenação quer para si mesmo, quer para os demais homens e para toda a criação.

O homem encontra-se, pois, dividido em si mesmo. E assim, toda a vida humana, quer singular quer coletiva, apresenta-se como uma luta dramática entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas. Mais: o homem descobre-se incapaz de repelir por si mesmo as arremetidas do inimigo: cada um sente-se como que preso com cadeias. Mas o Senhor em pessoa veio para libertar e fortalecer o homem, renovando-o interiormente e lançando fora o príncipe deste mundo (cf. Jo 12,31), que o mantinha na servidão do pecado. Porque o pecado diminui o homem, impedindo-o de atingir a sua plena realização.

A sublime vocação e a profunda miséria que os homens em si mesmos experimentam, encontram a sua explicação última à luz desta revelação.

Constituição do homem: sua natureza

O homem, ser uno, composto de corpo e alma, sintetiza em si mesmo, pela sua natureza corporal, os elementos do mundo material, os quais, por meio dele, atingem a sua máxima elevação e louvam livremente o Criador. Não pode, portanto, desprezar a vida corporal; deve, pelo contrário, considerar o seu corpo como bom e digno de respeito, pois foi criado por Deus e há de ressuscitar no último dia. Todavia, ferido pelo pecado, o homem experimenta as revoltas do corpo. É, pois, a própria dignidade humana que exige que o homem glorifique a Deus no seu corpo, não deixando que este se escravize às más inclinações do próprio coração. Não se engana o homem, quando se reconhece por superior às coisas materiais e se considera como algo mais do que simples parcela da natureza ou anônimo elemento da cidade dos homens. Pela sua interioridade, transcende o universo das coisas: tal é o conhecimento profundo que ele alcança quando reentra no seu interior, onde Deus, que perscruta os corações, o espera, e onde ele, sob o olhar do Senhor, decide da própria sorte. Ao reconhecer, pois, em si uma alma espiritual e imortal, não se ilude com uma enganosa criação imaginativa, mero resultado de condições físicas e sociais; atinge, pelo contrário, a verdade profunda das coisas.

Dignidade do entendimento

Participando da luz da inteligência divina, com razão pensa o homem que supera, pela inteligência, o universo. Exercitando incansavelmente, no decurso dos séculos, o próprio engenho, conseguiu ele grandes progressos nas ciências empíricas, nas técnicas e nas artes liberais. Nos nossos dias, alcançou notáveis sucessos, sobretudo na investigação e conquista do mundo material. Mas buscou sempre, e encontrou, uma verdade mais profunda. Porque a inteligência não se limita ao domínio dos fenômenos; embora, em consequência do pecado, esteja parcialmente obscurecida e debilitada, ela é capaz de atingir com certeza a realidade inteligível.

Finalmente, a natureza espiritual da pessoa humana encontra e deve encontrar a sua perfeição na sabedoria, que suavemente atrai o espírito do homem à busca e amor da verdade e do bem, e graças à qual ele é levado por meio das coisas visíveis até às invisíveis.

Mais do que os séculos passados, o nosso tempo precisa de uma tal sabedoria, para que se humanizem as novas descobertas dos homens. Está ameaçado, com efeito, o destino do mundo, se não surgirem homens cheios de sabedoria. E é de notar que muitas nações, pobres em bens econômicos, mas ricas em sabedoria, podem trazer às outras inapreciável contribuição.

Pelo dom do Espírito Santo, o homem chega a contemplar e saborear, na fé, o mistério do plano divino.

Dignidade da consciência moral

No fundo da própria consciência, o homem descobre uma lei que não se impôs a si mesmo, mas à qual deve obedecer; essa voz, que sempre o está a chamar ao amor do bem e fuga do mal, soa no momento oportuno, na intimidade do seu coração: faze isto, evita aquilo. O homem tem no coração uma lei escrita pelo próprio Deus; a sua dignidade está em obedecer-lhe, e por ela é que será julgado. A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser. Graças à consciência, revela-se de modo admirável aquela lei que se realiza no amor de Deus e do próximo. Pela fidelidade à voz da consciência, os cristãos estão unidos aos demais homens, no dever de buscar a verdade e de nela resolver tantos problemas morais que surgem na vida individual e social. Quanto mais, portanto, prevalecer a reta consciência, tanto mais as pessoas e os grupos estarão longe da arbitrariedade cega e procurarão conformar-se com as normas objetivas da moralidade. Não raro, porém, acontece que a consciência erra, por ignorância invencível, sem por isso perder a própria dignidade. Outro tanto não se pode dizer quando o homem se descuida de procurar a verdade e o bem e quando a consciência se vai progressivamente cegando, com o hábito do pecado.

Grandeza da liberdade

Mas é só na liberdade que o homem se pode converter ao bem. Os homens de hoje apreciam grandemente e procuram com ardor esta liberdade; e com toda a razão. Muitas vezes, porém, fomentam-na dum modo condenável, como se ela consistisse na licença de fazer seja o que for, mesmo o mal, contanto que agrade. A liberdade verdadeira é um sinal privilegiado da imagem divina no homem. Pois Deus quis "deixar o homem entregue à sua própria decisão", para que busque por si mesmo o seu Criador e livremente chegue à total e beatífica perfeição, aderindo a Ele. Exige, portanto, a dignidade do homem que ele proceda segundo a própria consciência e por livre adesão, ou seja movido e induzido pessoalmente desde dentro e não levado por cegos impulsos interiores ou por mera coação externa. O homem atinge esta dignidade quando, libertando-se da escravidão das paixões, tende para o fim pela livre escolha do bem e procura a sério e com diligente iniciativa os meios convenientes. A liberdade do homem, ferida pelo pecado, só com a ajuda da graça divina pode tornar plenamente efetiva esta orientação para Deus. E cada um deve dar conta da própria vida perante o tribunal de Deus, segundo o bem ou o mal que tiver praticado.

Formas e raízes do ateísmo

A razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus. É desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por Ele por amor constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse

amor e se entregar ao seu Criador. Porém, muitos dos nossos contemporâneos não atendem a esta íntima e vital ligação a Deus, ou até a rejeitam explicitamente; de tal maneira que o ateísmo deve ser considerado entre os fatos mais graves do tempo atual e submetido a atento exame.[...]

Cristo, o homem novo

Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime. Não é por isso de admirar que as verdades acima ditas tenham n'Ele a sua fonte e n'Ele atinjam a plenitude.

"Imagem de Deus invisível" (Cl 1,15), Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que, n'Ele, a natureza humana foi assumida, e não destruída, por isso mesmo também em nós foi ela elevada a sublime dignidade. Porque, pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado.

Cordeiro inocente, mereceu-nos a vida com a livre efusão do seu sangue; n 'Ele nos reconciliou Deus consigo e uns com os outros e nos arrancou da escravidão do demônio e do pecado. De maneira que cada um de nós pode dizer com o Apóstolo: o Filho de Deus "amou-me e entregou-se por mim" (Gl 2,20). Sofrendo por nós, não só nos deu exemplo, para que sigamos os seus passos, mas também abriu um novo caminho, em que a vida e a morte são santificados e recebem um novo sentido.

O cristão, tornado conforme à imagem do Filho que é o primogênito entre a multidão dos irmãos, recebe "as primícias do Espírito" (Rm 8,23), que o tornam capaz de cumprir a lei nova do amor. Por meio deste Espírito, "penhor da herança" (Ef 1,14), o homem todo é renovado interiormente, até à "redenção do corpo" (Rm 8,23): "Se o Espírito d'Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos dará também a vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita" (Rm 8,11). É verdade que para o cristão é uma necessidade e um dever lutar contra o mal através de muitas tribulações, e sofrer a morte; mas, associado ao mistério pascal, e configurado à morte de Cristo, vai ao encontro da ressurreição, fortalecido pela esperança.

E o que fica dito, vale não só dos cristãos, mas de todos os homens de boa vontade, em cujos corações a graça opera ocultamente. Com efeito, já que por todos morreu Cristo e a vocação última de todos os homens é realmente uma só, a saber, a divina, devemos manter que o Espírito Santo a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal por um modo só de Deus conhecido.

Tal é, e tão grande, o mistério do homem, que a revelação cristã manifesta aos que creem. E assim, por Cristo e em Cristo, esclarece-se o enigma da dor e da morte, o qual, fora do Seu Evangelho, nos esmaga. Cristo ressuscitou, destruindo a morte com a própria morte, e deu-nos a vida, para que, tornados filhos no Filho, exclamemos no Espírito: Abba, Pai.